



SINES

BOLETIM MUNICIPAL



ANO XVII Nº 86

JAN./FEV. 1994

EDIÇÃO C.M.S.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



*Carnaval
de Sines*

POLUIÇÃO NÃO
É ESTA MÁQUINA
SÓ GASTA MATERIAL
SEM CHUMBO

NÃO HÁ
NADA QUE
RESISTA

Carnaval 94

sines

informação municipal

EDITORIAL

O Carnaval, como actualmente o conhecemos, nada tem a ver com as festas com origem anterior ao Cristianismo e cuja denominação deriva, eventualmente, de «*currus navalis*», que significa carro naval, e que eram diversões propiciatórias da chegada da Primavera e que integravam cortejos de carros marítimos alegóricos, já no séc. VI a.C., na Grécia, e depois na Roma antiga.

Os povos do Ocidente, já cristianizados, não renunciaram a estes seus folguedos muito licenciosos, enraizados na tradição popular e de origem extraordinariamente remota. Basta lembrar as «*Bacanales*», cujo significado atesta as festas em nome de Baco, deus Romano do vinho, o Dionísio dos Gregos, e que se presume, segundo a mitologia, ter ensinado aos homens o cultivo da vinha e não só...

Estas festividades não foram recuperadas pela religião cristã, como aconteceu a muitas outras práticas pagãs, porque não representavam quaisquer sinais de culto e idolatria, muito embora as máscaras que sempre foram utilizadas tenham uma proveniência do culto pagão aos mortos.

Para os pagãos da Antiguidade, um dos meios de conciliar os maus espíritos era antropomorfizá-los, ou seja, conceder às divindades formas corpóreas, paixões, qualidades ou defeitos semelhantes às dos homens. Aquele que personificava os espíritos vestia-se de branco, como os defuntos, e disfarçava o rosto com uma máscara. Contudo, o cristianismo, pretendendo de alguma forma limitar esta exorbitância pagã, concedeu a estas festividades um limite de tempo máximo dentro do seu calendário que foi estabelecido no começo da quaresma. Assim se conseguiu associar o Carnaval ao tempo litúrgico: Terça-Feira de Entrudo, do latim «*Introitus*», ou seja, Entrada... na Quaresma, subentende-se.

Sugeriu-se também que o termo Carnaval poderia significar «*Carne Vale*», que quer dizer «*Adeus Carne*», referindo-se ao tempo de abstinência

FICHA TÉCNICA

Boletim Municipal de Sines

Ano XVII Nº 86 JAN./FEV. 1994

Propriedade

Câmara Municipal de Sines

Telef. (069) 862188 - Fax (069) 633022

Director

Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

Redacção e Coordenação

Redactor

João do Ó Pacheco

Fotografia e Grafismo

Gabinete de Informação

Depósito Legal

44915/91

Composição e Impressão

REGISET — Artes Gráficas, Lda.

Est. Baixa Palmela - Qta. Gonçalo José

Apartado 401 - 2900 SETÚBAL

Tel. (065) 551407 / (01) 2330059 - Fax (065) 551453

Tiragem 4 000 exemplares



de carne durante o período quaresmal.

Seja qual for a origem do termo que presentemente designam as festas do Entrudo, o certo é que elas fazem definitivamente parte integrante da tradição festiva Ocidental e, nalguns locais, transformaram-se mesmo em cartazes turísticos de renome internacional e mesmo mundial, com afluxos sociais de considerável importância e de prestígio cultural significativo, tal como o Carnaval do Rio de Janeiro ou o de Veneza, cuja particularidades e charme elegeram-nos como autênticas Mecas dos foliões do mundo inteiro.

Porém, o Carnaval contemporâneo continua a ser uma manifestação intrinsecamente pagã, mesmo nos moldes actuais consumistas que o determinam. A permissividade, o exagero caricatural e o espírito libertino da crítica social que o envolvem, durante três dias, fazem dele uma espécie de escape natural para o stress e as preocupações acumuladas ao longo do ano e que neste período liberta do mais profundo do espírito humano os seus fantasmas para com eles exorcizar a realidade. Afinal, por muitas roupagens que o Carnaval vista, ele ainda continua a ser um exorcismo que, do fundo dos tempos, emerge das memórias humanas ancestrais, para o re-ligar ao mundo mágico que existe no interior de cada um de nós.

SINES CRÓNICA DE UM CARNAVAL ANUNCIADO

Uma notícia surgida na «Folha de Sines», datada de 15 de Fevereiro de 1926, narrava assim: «*Sines vae assistir a uma deslumbrante festa carnavalesca, que consta de uma recepção a Suas Magestades, o rei e a rainha de Maduralandia — dois verdadeiros maduros que nos visitam, envergando trajos típicos da região. Um grande cortejo percorrerá as ruas da vila, indo Suas Magestades depor uma coroa de louros no pedestal do monumento a Vasco da*

gama. Depois, haverá um «foot-mão-pinha-ball» entre o «Tirate pra lá não me tises», finalistas de Maduralandia, e o «Femina Baco Clube», que se apresenta com cabelos à garçone.

No cortejo encorporar-se-hão: a Filarmónica «União Desumanitária Amor e Uma Cabana», um troço de lanceiros maduralandios; clarins; o Lorde Maior de brescos; Suas Magestades os reis de maduralandia, num rico coche Pepe VII; um batalhão burricial; Idílio Nespereira, árbitro do sensacional encontro; o Teimoso; dois batalhões de caceteiros desarmados, etc., etc..»



(Da esquerda para a direita: Cunha, Manuel Vilhena, Jorge Plácido, Marques, Vicente do Ó, Carlos Vilhena, José Simões, Piedade, Carlos Gué-Gué, Carlos Coelho, Armando Vilhena... qual é o nome do último personagem que ninguém parece saber identificar?)

«O GRUPO DOS CARLOS»

Como se pode constatar pelo imaginativo texto, o Carnaval de Sines tem uma longa tradição de folia e divertimento, já em 1926, e acredita-se que é mesmo muito anterior a esta crónica social, que se presume ter sido escrita pelo saudoso Júlio Gomes da Silva, director da dita folha na altura.

O Carnaval de Sines foi, durante muitos anos, um acto mais ou menos espontâneo da população e que consistia em cegadas, burricadas, e mascaradas, formadas por grupos de jovens «assaltantes» de varandas e janelas «famosas» das casa do centro-vila, armados de «bagas de

sines

informação municipal

palmeira» e tremoços, como munições, tentando ao mesmo tempo mascarrar as jovens casamenteiras da época. Esta era a forma singela de que a nossa juventude se servia para brincar ao Carnaval...

Por volta de 1956, surge um grupo de jovens apelidados «Os Carlos» e que era composto pelos nossos conterrâneos Carlos Vilhena, Carlos Manafai, Carlos Lopes-Paulo, Carlos Águas, Carlos Gué-Gué e Agostinho Cunha, entre outros, que se organizaram de forma a dar a estas manifestações de cariz popular uma estrutura mais sistemática. No ano seguinte, com a entrada para o «Grupo dos Carlos» de Vicente do Ó, Edmundo Prata, Manuel Vilhena e, mais tarde, António da Piedade, surge a primeira Comissão de Carnaval organizada para gerir o esforço dos trabalhadores que se disponibilizavam para a realização de cegadas e bailes foliões, que nessa época eram levados a cabo em todas as colectividades da vila: o Clube Sport Lisboa e Sines, mais conhecido pelo Nacional; o Clube Futebol Os Sinienses, mais conhecido por Lusitano, além do Centro Recreativo Siniense, a Sociedade Recreativa Siniense, mais conhecida por «A Caninha», a Esplanada Alentejana e, é claro, o próprio Casão do Carnaval.

«O CARNAVAL SELVAGEM»

O Carnaval nesta época tinha uma propensão verdadeiramente primitiva a pontos de o jornal «O Distrito de Setúbal» o apelidar, com toda a razão, diga-se de passagem, de «Carnaval Selvagem». Por volta de 59, chegou a fazer-se «tacada» com repolhos de couve, subtraídos à Praça Pública contígua ao percurso do curso carnavalesco. As batalhas de flores eram autênticas carnificinas e os exageros de toda a ordem substituíram o bom senso e a serradura dos sacos por areia molhada, muitas vezes com pedras dentro e outros materiais igualmente perigosos.

A água sobejamente utilizada, era por vezes transportada em bidões, nos pequenos carros foliões particulares, e atirada aos baldes.

Chegou-se a confrontos, nas portas do antigo café «À Coca», em que os clientes e o dono vítimas destas arremetidas, ligavam a mangueira e encharcavam literalmente os atacantes.

Astintas, a graxa e outras substâncias igualmente nocivas chegaram a causar graves danos aos visitantes e eram usadas indiscriminadamente.

O percurso do Corso, delimitado a partir do centro da vila, na actual zona histórica, e que compreendia as ruas Francisco Luís Lopes, Serpa Pinto, Praça Tomás Ribeiro e retorno pela rua Gago Coutinho até ao antigo «Casão», locais onde eram construídos, guardados e remodelados os carros alegóricos, tornou-se com o passar do tempo demasiado exíguo para a quantidade e a dimensão dos carros que eram construídos. Além disso, a publicidade negativa feita pelo «Distrito de Setúbal», resultou exactamente no oposto e o Carnaval viu, de ano para ano, o seu espaço lúdico ser invadido por uma horda de curiosos, de uma maneira quase perigosa, que se amontoavam aos milhares ao longo das estreitas ruelas.

«OS CAROLAS...»

Em 1968, aquando da tomada de posse do Senhor José Simões dos Santos para Presidente da edilidade, a Comissão de Carnaval começou finalmente a ser ajudada financeiramente. Até aí, o esforço tinha sido desenvolvido por grupos





de cidadãos voluntários, que eram conhecidos pelo nome daquele que tomava a iniciativa da construção do carro, tais como: o Grupo do Luís Faria Godinho, o Grupo do Carlos Gué-Gué, o Grupo Cunha/Esplanada, o Grupo do João Lopes, etc.. Segundo a D^ª. Júlia Águas, o seu carro era «sangue, suor e lágrimas», tal o esforço dispendido na sua feitura e no apetrechamento dos trajes carnavalescos alusivos. «*Pedia-se ajuda às vizinhas e comprava-se a crédito no Lopes-Paulo para pagar depois do Carnaval*».

Ainda que os meios disponíveis na altura fossem praticamente inexistentes e feitos tão só da boa vontade, do espírito artístico e da perseverança dos trabalhadores envolvidos, alguns dos carros criados ao longo dos anos foram autênticas obras primas modeladas a gesso, com estruturas de madeira de complexidade inacreditável cujo equilíbrio, por vezes, desafiava o nosso entendimento. Quem não se recorda da magnífica parelha de cavalos encabritados sobre as patas traseiras que puxavam a biga de Ben-Hur, e que ninguém nunca entendeu como se aguentou durante três dias de corso. E a gigantesca família de dinossauros para os quais foi necessário derrubar a parte superior do portão do Casão, para lhes permitir acesso ao recinto do Corso.

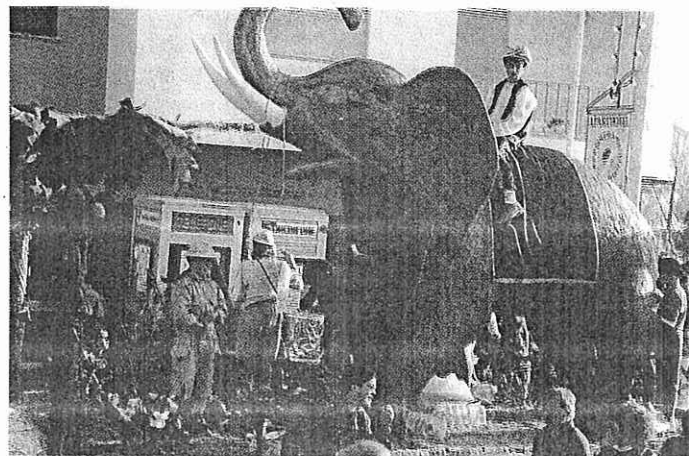
Foi, de facto, um Carnaval construído com amor e com teimosia, em permanente sobressalto da chuva e do vento, do tempo sempre curto para terminar os carros, das noites insones onde um sem número de mulheres anónimas ofereciam generosamente o seu esforço na morosa tarefa

de enrolar as milhares e milhares de flores de papel, enroladas à mão e à folha da faca, paciente e meticulosamente, para depois cobrir as «saias» e os carros alegóricos. Trabalho ingrato e só visível no resultado final dos carros, naquele «aveludado» característico que as tintas não sabem conseguir.

É necessário não esquecer aqueles e aquelas que trabalharam nos bastidores do Carnaval, as pessoas que em sua casa, ou nas intermináveis noites do Casão, concebiam os fatos que os figurantes deveriam depois usar: D^ª. Maria Sequeira, D^ª. Lucinda Jeremias, D^ª. Maria Olimpia Campinas, D^ª. Maria Alice Relinhas, D^ª. Mariana do Zorro, as irmãs Botelho, D^ª. Mariana do Guarda, D^ª. Maria Luísa Plácido, etc., etc. (Que nos perdoem aquelas que nos esquecemos de citar por ignorância).

«O CARNAVAL NOS NOSSOS DIAS»

É provável que o espírito de carnaval fosse diferente nessa altura mas a dedicação, presentemente, não é menor. Claro que a ideia de que o Carnaval podia ser coisa rentável e economicamente viável não passou pela cabeça destes nossos conterrâneos, porque o sentido que os movia era uma dedicação generosa destituída de interesse. Os carros eram feitos com o orgulho de artistas que competiam uns entre os outros pela qualidade da sua obra,



sines

informação municipal

pela originalidade das suas ideias e pela dificuldade na execução do seu próprio trabalho. Era um desafio a que se impunham, contra o tempo (porque a maior parte das vezes o trabalho era nocturno, nas horas do seu próprio lazer), e contra os meios (porque em muitos casos as despesas corriam por conta própria).

Na história mais recente do nosso carnaval ficaram inúmeros nomes de voluntários que valeram, e alguns ainda valem, não apenas pela qualidade do seu trabalho, mas também pela quantidade, pelo volume enorme que conseguem desenvolver. A citar, os casos dos grupos do Liberal, do Henrique Ramos, do Biga/Passaradas, e muitos outros, uma mão cheia de homens de boa-vontade e espírito de sacrifício que com o seu suor fizeram do Carnaval de Sines o espectáculo de que hoje tanto nos podemos orgulhar.

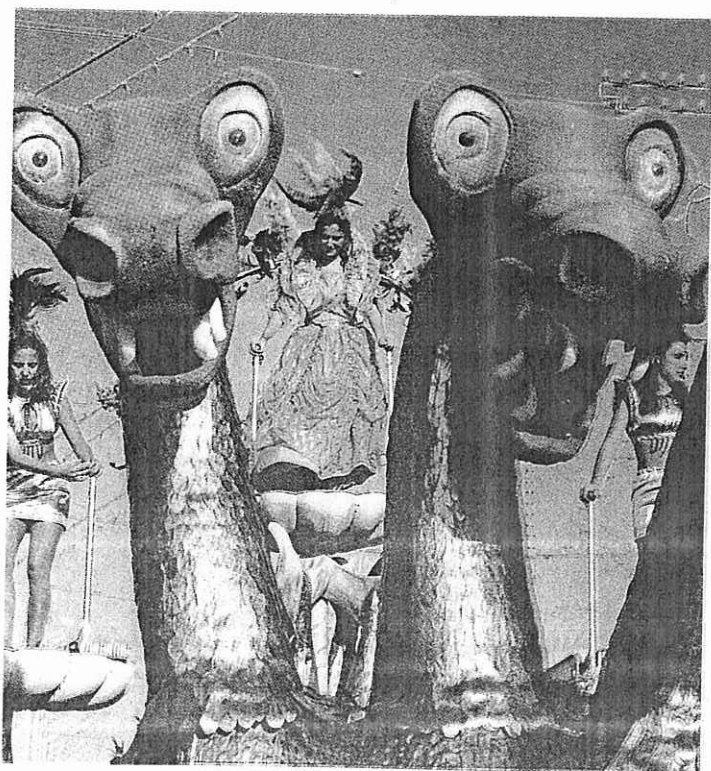
Entretanto, o Carnaval cresceu, mudou, modernizou-se. Das exíguas ruelas da nossa velha vila, transferiu-se para as largas avenidas, para espaços mais vastos e amplos, mais actuais. Para sobreviver na selvática competição da modernidade, teve que transformar-se e repensar



integralmente a sua estrutura e o seu objectivo. Hoje é um cartaz de renome nacional com direito a publicidade nas TVs e spots nas rádios. Foi a partir de 1988 com a entrada para a Comissão de Sérgio Bernardino (Passaradas) que se renovou por completo a ideia do espectáculo carnavalesco, ao mesmo tempo que se criavam as condições financeiras que definitivamente permitissem gerir com melhor aproveitamento as receitas que foram substancialmente alargadas pela contratação de atracções internacionais. Acácio Santos e Luís Plácido haviam ambos de levar por diante nos anos seguintes a mesma política de desenvolvimento do Carnaval de Sines.

Logo em 89, com a presença de Simara, registou-se um aumento substancial dos visitantes que se cifrou em cerca de 40 mil. A partir de então, o número nunca havia de descer. Aldine Muller em 1990, Lília Cabral em 1991 e Regina Duarte, a famosíssima rainha da sucata, que a televisão tornaria em vedeta do nosso quotidiano nacional, havia de trazer a Sines mais de 100 mil visitantes. No ano passado, Luísa Tomé, e este ano outro nome famoso das novelas televisivas brasileiras: Cláudia Raia, para abrilhantar as noites consteladas de luzes coloridas da avenida General Humberto Delgado.

1994 vai ser sem dúvida para o Carnaval de Sines o culminar de um esforço colectivo que os próprios Media nacionais acabaram por consagrar. Com a presença este ano da TV no nosso Carnaval, podemos dizer finalmente que todos os nossos esforços, afinal, não foram em vão.



COMPOSIÇÃO DO EXECUTIVO CAMARÁRIO ELEITO PARA O MANDATO 1994/1997

- Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco (CDU)
- César Luis da Silva Beja (CDU)
- Carmen Isabel Amador Fancisco (CDU)
- António Gonçalves Correia (CDU)
- José Carlos dos Santos Guinote (PS)
- Idalino Sabido José (PS)
- Francisco Pereira Venturinha (PSD)



ELEITOS PARA A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES PARA O MANDATO 1994/1997

- Presidente** - Carlos Alberto Espadinha (CDU)
1º Secretário - José Eduardo Félix da Costa (CDU)
2º Secretário - Helena Correia Sales (CDU)

Deputados

- João Fragoso Pereira (PS)
- Manuel Coelho Carvalho (CDU)
- Manuel Martins da Costa (CDU)
- António Santos Ramalhete (PS)
- Rui Fernandes Penas (CDU)
- Victor Torres Mendonça (PSD)
- António Rui Pimenta (PS)
- António Amaral da Silva (CDU)
- António Tomás da Silva (CDU)
- Carlos Salvador (PS)
- António Roberto (CDU)
- Joaquim Manuel Lemos (PS)
- Sandra Silva (CDU)
- António de Carvalho (PSD)
- José Manuel Marques de Carvalho (CDU)
- Sidónio Salgado (PS)
- António Gonçalves (PS)
- Arnaldo Vilhena (CDU)
- Eugénia Jesus Amador (CDU)
- José Manuel Charnequinho (CDU)

DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS



Presidente da Câmara

— Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

Atendimento Público:

Segundas-Feiras às 10.00 Horas da manhã

Pelouros:

- Administração e Finanças (Gestão e Stocks)
- Planeamento Urbanístico e Ordenamento do Território
- Protecção Civil
- Segurança Pública
- Informação
- Zonas Industriais Ligeiras
- Terrenos para Auto-Construção, Garagens
- Cemetra
- Gabinete de Apoio Técnico
- Associação dos Municípios do Litoral Alentejano
- Comissão de Coordenação da Região do Alentejo
- Área de Paisagem Protegida
- PGS - Promoção e Gestão de Áreas Industriais e Serviços

Vereador

— César Luis da Silva Beja

Atendimento Público:

Terças-Feiras às 15.00 horas

Pelouros:

- Habitação, Obras Públicas e Transportes
- Obras Municipais
- Transportes
- Rede Viária e Sinalização
- Urbanização
- Infraestruturas:
Esgotos, Água, Energia e Iluminação Pública, Cemitérios, Mercados e Feiras, Edifícios Municipais
- Fiscalização:
Municipal, Obras, Sanitária, Aferição



DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS



Pelouros:

- Educação
- Desporto e Tempos Livres
- Recursos Humanos
- Acção Social (Inclui Habitação)
- Refeitório
- Serviços Sociais
- Terceira Idade
- Infância

Vereadora

- Carmen Isabel Amador Francisco

Atendimento Público:

Quintas-Feiras às 15.00Horas

Pelouros:

- Ambiente:
- Higiene Pública, Resíduos Sólidos, Paisagismo, Comissão de Gestão do Ar, Área de Paisagem Protegida, Controlo de Poluição Industrial
- Juventude
- Cultura
- Saúde



Vereador

- Francisco Pereira Venturinha

Atendimento Público:

Quartas-Feiras às 10.00 Horas da manhã

Pelouros:

- Turismo
- Posto de Turismo

Vereador

- António Gonçalves Correia

Atendimento Público:

Quintas-Feiras às 15.00 Horas

DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

- Aérodromo
- Parque de Campismo Municipal
- Festival da Sardinha
- Festival de Gastronomia
- Região de Turismo Costa Azul
- FIALI



Vereador

- José Carlos dos Santos Guinote

Atendimento Público:

Segundas-Feiras, às 15.00 Horas

Pelouros:

- Comércio e Abastecimento Público
- Mercado Abastecedor
- Mercado Ambulante
- Mercado Feirantes
- Feira Anual
- Iniciativas Locais ou regionais com Comerciantes

(O Senhor Vereador recusou o Pelouro que lhe foi proposto)



Vereador

Idalino Sabido José

Atendimento Público:

Quartas-Feiras às 10.00 Horas da manhã

Pelouros:

- Transportes e Trânsito
- Estudo sobre Transportes Urbanos
- Parque TIR
- Centro de Transportes
- Trânsito e Sinalização

(O Senhor Vereador recusou o Pelouro que lhe foi proposto)



GEMINAÇÃO SINES — SANTA-CRUZ DE CABO VERDE

Após o êxito alcançado com a geminação tripartida Sines - Vidigueira - Nisa, baseada na figura do grande navegador Vasco da Gama, a Autarquia Siniense decide ultrapassar as fronteiras geminando-se com a vila de Santa-Cruz de Cabo Verde.

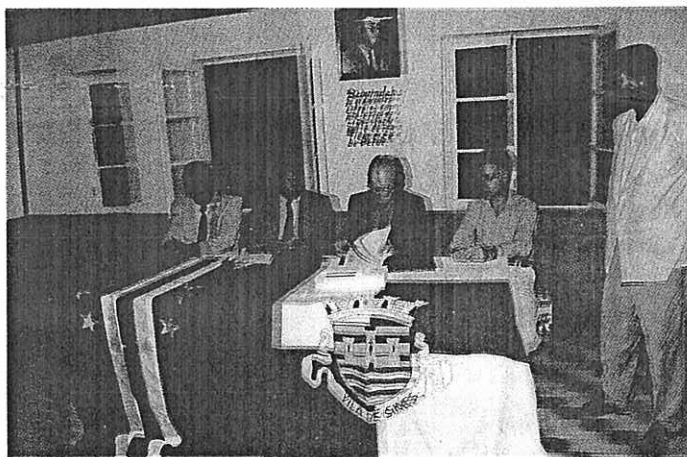
Baseando-se não só na filosofia de que as geminações constituem um instrumento fundamental para facilitar a aproximação das comunidades de diferentes raças, credos ou ideologias, como também nos laços culturais e de amizade que nos ligam aos povos africanos de língua oficial Portuguesa, reforçada pelo importante facto da existência em Sines de uma vasta e laboriosa comunidade Caboverdiana.

O Protocolo assinado aquando da deslocação da embaixada siniense a terras de Santa-Cruz reza assim:

«A Câmara Municipal de Sines (Portugal) e a Câmara Municipal de Santa-Cruz (Cabo Verde), consideram os laços de amizade e cooperação existentes entre os dois povos e a comprovada vontade de ambas as partes em colaborarem solidariamente para o bem-estar dos cidadãos e o desenvolvimento das relações mútuas, afirmam plenamente a decisão de firmar o protocolo de geminação entre Sines e Santa-Cruz».

Depois de uma visita por parte de uma delegação Siniense composta por cinco vereadores da Câmara Municipal de Sines e uma representação de onze empresários dos diversos ramos de actividade da região, que tiveram oportunidade de estabelecer contactos com os seus congéneres de Cabo Verde foi a vez de Santa-Cruz nos enviar, por seu lado, a sua embaixada a fim de conhecer a nossa realidade concelhia e, ao mesmo tempo, tomar parte nas festividades integradas no Dia do Município.

A delegação foi composta pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Rocha; pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Costa Lima; O Senhor Vereador João Ramos e o Senhor Deputado Mário Semedo Lopes. Durante uma semana esta embaixada visitou alguns locais



históricos da nossa terra assim como instituições desportivas e culturais e conviveu com a comunidade caboverdiana radicada em Sines.

Esta geminação entre os dois municípios teve efeitos quase imediatos a nível da formação técnica, pela presença do Senhor Secretário da Câmara Municipal de Santa-Cruz, Manuel Pina, que durante um mês fez uma vasta apreciação do funcionamento dos nossos serviços de forma a poder reformular ou adaptar, à realidade de Cabo Verde, a orgânica da nossa Câmara Municipal.

O Protocolo de Cooperação é ambicioso e enfatiza a promoção de trocas culturais, sociais, educativas, turísticas e outras pelo que abre um manancial de possibilidades de missões de cooperação em latos campos de actividade



sines

informação municipal

VIII CONCURSO DE GASTRONOMIA DO CONCELHO DE SINES

Integrado nas comemorações anuais do Dia do Município, dia 24 de Novembro data em que, no ano longínquo de 1362, El-Rei D. Pedro I permitiu que Sines se libertasse da tutela de Santiago de Cacém concedendo-lhe Carta de Foral que a elevou a Vila, realizou-se mais um Concurso de Gastronomia entre os restaurantes da nossa terra.

Durante todos os fins de semana do mês de Novembro e até ao dia da concessão dos prémios, 10 dos nossos melhores restaurantes entraram em saudável disputa gastronómica pelo 1º Prémio. Foram eles: Restaurante «Baía de Sines», Restaurante «O Rancho», Restaurante «A Palmeira», Restaurante «Vista do Mar», Restaurante «Avenida», Restaurante «Bom Petisco», Restaurante «Fim da Noite», Restaurante «Atlântico Mar», Restaurante «A Ilha» e o Restaurante «Varanda do Oceano».

O Júri, composto por representantes das diversas instituições convidadas para o evento, ficou composto da seguinte forma: pela Região de Turismo Costa Azul - Celeste Cavaleiro; pela Associação dos Restaurantes e Similares de Portugal - o seu Delegado Manuel Joaquim da Silva; pela Comunicação Social - o Director do Jornal «Diário do Alentejo», António Raposo; pela Autarquia - o Vereador do Pelouro do Turismo, Carlos do Rio Salvador e pelos Profissionais de Restauração - o afamado, Chefe Silva.

Segundo Celeste Cavaleiro, da Região de Turismo Costa Azul, a atribuição ex aequo, que tanta polémica levantam em concursos deste teor, *deve-se apenas à grande qualidade dos pratos apresentados*. O que significa que o nosso concurso de gastronomia tem vindo, ao longo dos anos, a ganhar mais qualidade e espírito de iniciativa.

Desta vez, após saborearem os diversos pratos da cozinha da nossa região, o Júri decidiu atribuir o 1º Lugar ao Restaurante «Varanda do Oceano» pela sua Caldeirada, Massinha de Cherne, Coelho com Ameijoas e o seu doce Brisa de Sines; em 2º ex aequo, classificaram-se os restaurantes «A Ilha» com Ensopado de Enguias e a sua Lebre com grão, além da sua Sopa de Peixe e do doce Pães de Gila e o restaurante «O Rancho» com



uma Cataplana, Lombinhos com Cogumelos e a sua Sopa de Peixe; em terceira posição ex aequo, «A Palmeira» com o seu Camarão à Palmeira, Lombinhos de Porco ao Vinho Tinto e o seu Doce da Avó e o restaurante «Bom Petisco» com o seu já famoso Robalo Grelhado e o seu Pudim de Bolacha.

A organização, como sempre, esteve a cargo da Câmara Municipal de Sines, com o apoio da Região de Turismo - Costa Azul. Foi aquilo a que em rigor se pode chamar: um saboro sucesso.



MEDALHAS DE MÉRITO DESPORTIVO MUNICIPAL

Em Sessão Solene da Assembleia Municipal, realizada no Dia do Município no Salão dos Bombeiros Voluntários de Sines, foram agraciados com Medalha de Mérito Desportivo Municipal as seguintes personalidades:

- Medalha Dourada - João Baptista Martins - Futebol - (a título póstumo)
- Medalha Prateada - Vicente Maria do Ó - Futebol
- Medalha Bronzeada - Equipa Juvenil do Vasco da Gama Atlético Clube: Alcino Moreira, António Inácio, Carlos Vilhena, Dino Oliveira, Edgar Pacheco, Elisiário de Melo, Fernando Silva, Gonçalo Sequeira, João Pereira, José Simões, Luís Luz, Marco Pereira, Miguel Silva, Nambiri Bastos, Nuno Ablum, Nuno Claudino, Nuno Videira, Octávio Rosa, Paulo Simões, Rodrigo Claudino, Sandro Ferro, Silvino Soares, Toni Balelo, Victor do Ó, Victor Roberto.
- Medalha Dourada - Carlos Manafaia - Caça Submarina
- Medalha Dourada - João Emanuel Silva Calão - Full Contact
- Medalha Dourada - Ana Rita dos Reis Oliveira - Ginástica Geral (Trampolins e Desportos Acrobáticos) - G.C.S.
- Medalha Dourada - Vera Jeremias - Ginástica



- Geral (Trampolins e Desportos Acrobáticos) - G.C.S.
- Medalha Prateada - Equipa de Ginástica Geral (Trampolins e Desportos Acrobáticos) - G.C.S. - Nélia Marina, Ana Rita, Ana Diogo, Vanda Marreiros.
- Medalha Bronzeada - Equipa de Ginástica Geral (Trampolins e Desportos Acrobáticos) - G.C.S. - Ana Raquel Cardoso, Tatiana Martinho, Sandra Fernandes, Fátima Guerreiro.
- Medalha Dourada - Sérgio Manuel Prudêncio Ablum - Corrida em Patins - G.C.S.
- Medalha Dourada - Natália Bernardino - Corrida em Patins - G.C.S.
- Medalha Prateada - Alexandre Verissimo Ventrinha - Corrida em Patins - G.C.S.
- Medalha Prateada - Maria Fernanda Pinto Carvalho - Corrida em Patins - G.C.S.
- Medalha Dourada - Paulo Pereira - Hóquei em Patins - V.G.A.C.
- Medalha Prateada - Amândio Nuno Chavarria Baião Mateus - Hóquei em Patins - V.G.A.C.
- Medalha Bronzeada - Ricardo Pereira - Hóquei em Patins - V.G.A.C.
- Medalha Prateada - João Guerreiro Mestre - Natação - V.G.A.C.
- Medalha Bronzeada - João André Mendonça Oliveira - Natação - V.G.A.C.
- Medalha Bronzeada - Ana Catarina Cartaxo Amaro - Natação - V.G.A.C.
- Medalha Bronzeada - Equipa de Andebol G.C.S. - Pedro Santos, António Martins, Nuno Pereira, Luís Correia, José Duarte, Marco, Yury Correia, Rui Silva, Paulo Pedro, Rui Duarte, Sérgio Oliveira, Nuno Ortiz.
- Medalha Prateada - Dário Garcias - Atletismo - G.C.S.

sines

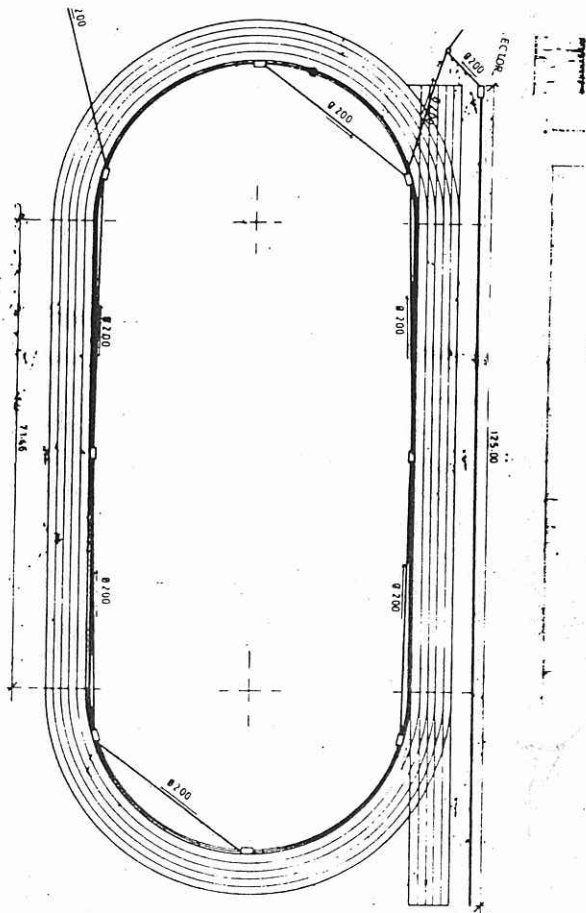
informação municipal

PISTA DE ATLETISMO NO EX-IOS

Prosseguindo o reforço dos equipamentos e infraestruturas desportivas para o Concelho de Sines e integrado no Plano de Actividades para 1994, a Câmara Municipal está a construir uma Pista de Atletismo no espaço do antigo Instituto de Obras Sociais com dimensão de 300 metros x 4 pistas, com possibilidade para 5 corredores na recta dos 100 metros.

O desenvolvimento da pista, raios de curvatura e dimensão dos corredores, respeita o dimensionamento para pistas de nível local. Dado o nível da pista não serão utilizados solos sintéticos mas sim revestimentos tradicionais, tendo em atenção a manutenção que a mesma exige.

A obra foi adjudicada por cerca de 6 mil e quinhentos contos, mais IVA, e a sua conclusão está prevista para dentro de pouco tempo (1 a 2 meses).



SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITA SINES



No âmbito da Presidência Aberta, desta vez dedicada ao Ambiente, Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, deslocar-se-á a Sines no próximo dia 5 de Abril.

De forma a organizar a respectiva visita, uma delegação da Presidência da República, esteve no passado dia 9 de Fevereiro reunida na Câmara Municipal de Sines a fim de ultimar todos os preparativos.

Os Sinienses saberão receber Sua Excelência com o entusiasmo e a dignidade que a sua relevante figura de político, tanto a nível nacional como internacional, nos merece.

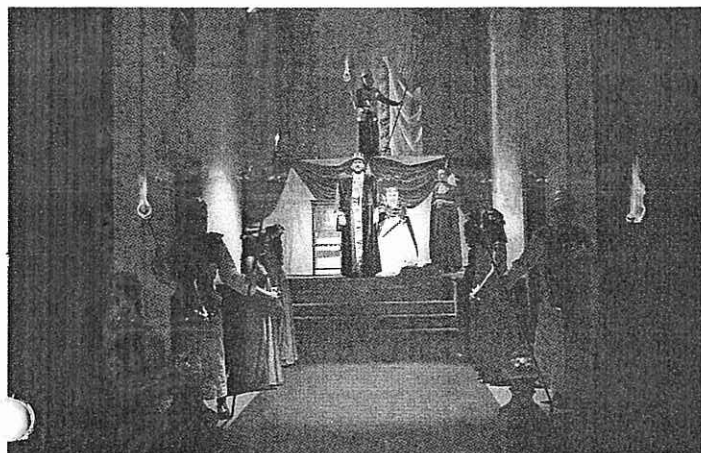
MOVIMENTOS ABSURDOS EM COMPANHIA BRASILEIRA

Vinte participantes, entre eles, elementos do recém-formado Teatro do Mar e o Gato SA, frequentaram nos últimos dias do ano um workshop de Expressão Dramática orientado pelo actor Paulo Lisboa e o produtor Ricardo Carísio, membros da Companhia Absurda, de origem brasileira.

O movimento e a voz. As velocidades do corpo. A libertação da mente.

Foram estas algumas das directrizes que acompanharam os exercícios, numa procura pela construção do teatro no actor. Com créditos formados em todo o mundo a Companhia Absurda terminou em Janeiro a temporada em Lisboa do espectáculo «Fragmentos Kafkianos».

Esta acção decorreu nas instalações da Capela da Misericórdia que cada vez mais assume o seu novo papel de sala de espectáculos, encontrando-se a Câmara Municipal empenhada na sua total recuperação.

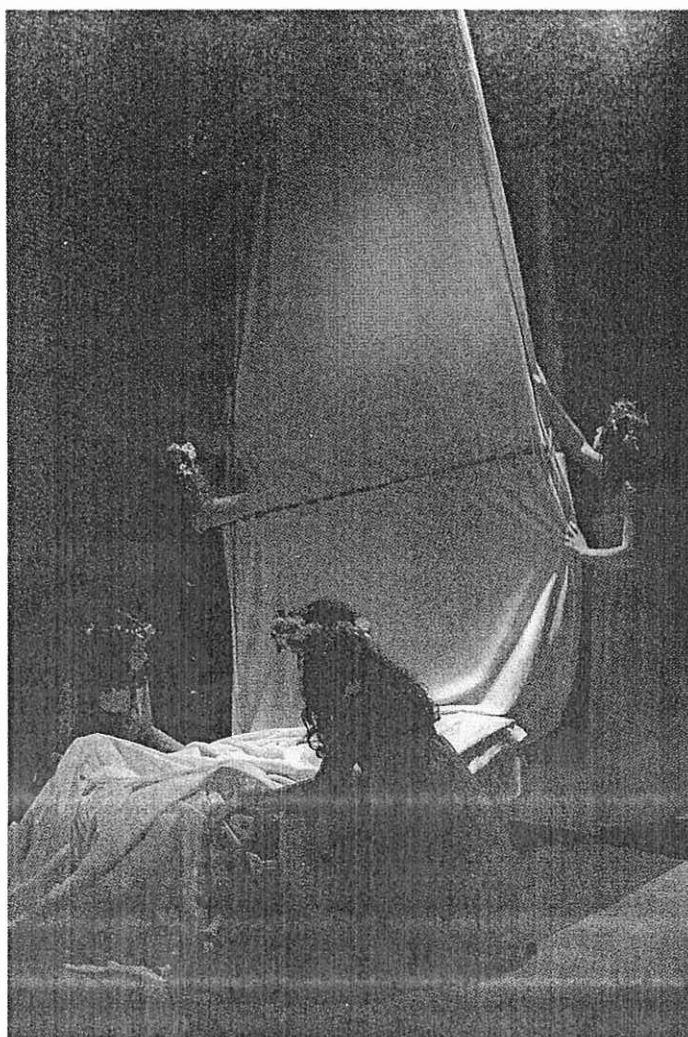


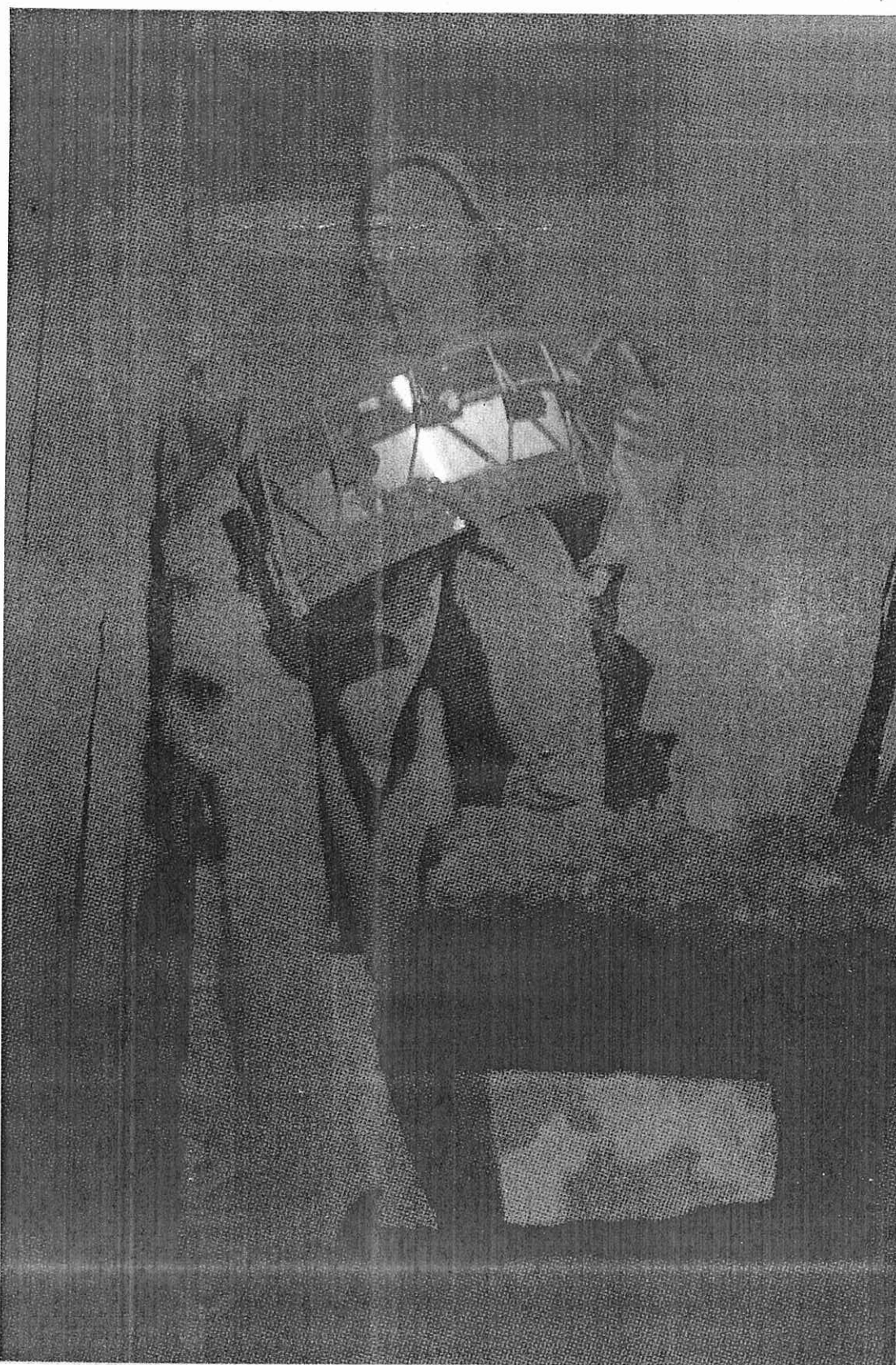
TEATRO DO MAR MARÉ DE TALENTO

Depois de seis meses de trabalho, o Teatro do Mar escolheu as comemorações do dia de Sines para estrear o primeiro trabalho da nova formação do grupo. Um texto de Ary dos Santos escrito em forma de poesia e que nos conta a Lenda das Amendoeiras e o seu tempo. Um Projecto que Julieta Aurora Santos encenou, Vladimiro Franklin desenhou figurinos (em colaboração pois encontra-se a trabalhar no teatro de Portalegre) e Sandra Betes, Alberto Silva, Luís João Mosteias, Tânia Santos, Sandra Santos, Ana Maú, Helena Raposo, Luís S., Tomás Manuel, Cláudio Cavaco, Silvia Venturinha, Tiago Castro, Tiago Jorge, Nelson Tito, Sónia Marcos e Zé Dado interpretaram num total de sete representações de sucesso. Um grupo de Teatro que renasce e que vem para ficar. Um projecto com ideias, que segundo a sua encenadora Julieta Aurora vai ao encontro da necessidade de ocupar e estimular os jovens para actividades extra-curriculares que lhes transmitam conhecimentos para a sua formação ética, moral e cultural. Parajá, o grupo trabalha em expressão dramática nas instalações do Teatro Oficina, explorando as suas capacidades vocais e expressão corporal. Lá mais para o Verão, talvez um novo espectáculo.

Era uma vez um país
na ponta do fim do mundo
onde o mar não tinha eco
onde o céu não tinha fundo
onde longe longe longe
mais longe que a luz do dia
mais longe que a flor da sombra
ou a flor da ventania
uma princesa nascia
da corola do seu tempo
enquanto a neve caía
dos seus dois braços de vento.

*In O Tempo da Lenda das Amendoeiras
de Ary dos Santos*





O Bobo
O Tempo da Lenda das Amendoeiras, 27 de Novembro de 1993. Capela da Misericórdia.
Teatro do Mar.